

Primeiro
Concurso de
**Redação
Nacional
da DPHDM**

(Diretoria do Patrimônio Histórico
e Documentação da Marinha)

**Cultura
Oceânica**

Realização:



**SONHO
EDITORIAL**



*Primeiro
Concurso de*
**Redação
Nacional
da DPHDM**

(Diretoria do Patrimônio Histórico
e Documentação da Marinha)

*Cultura
Oceânica*

REALIZAÇÃO:



SONHO
EDITORIAL

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização do autor.

1ª edição em julho de 2026
COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marcus J. Trindade

REVISÃO

Marcelle Paixão

CAPA

Jhonã Magnane

DIAGRAMAÇÃO

E. Siqueira

PREPARAÇÃO

Damile Soares

SONHO
EDITORIAL

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P953

Primeiro Concurso de Redação Nacional da DPHDM (Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha) : Cultura Oceânica – Mesquita, RJ:

Sonho Editorial, 2026.

14 x 21 cm : 64 p.

Vários autores.

ISBN 978-65-85330-44-2

1. Coletânea de textos. 2. Cultura oceânica. 3. Oceanos – Conservação.
4. Marinha do Brasil. 5. Redação – Concursos – Brasil. I. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). II. Título.

CDU 82-4(081)

CDD 808.06

Catalogação na fonte: Bruna Heller (CRB-10/2348)

Índice para catálogo sistemático:

CDU:

1 Coletâneas de textos/redações 82-4(081)

2 Coletâneas e concursos literários/redações 808.06

Sumário

<i>Palavra do Vice-Almirante (RM1) Gilberto Santos Kerr.....</i>	<i>7</i>
<i>Palavra da Capitão de Fragata (T) Renata da Rocha Pereira.....</i>	<i>9</i>
<i>Prefácio por Andréa Maria da Cunha, Presidente da Alarj.....</i>	<i>11</i>
<i>Acir Kalleb Alves de Oliveira</i>	<i>15</i>
<i>Ana Beatriz da Silva Reis.....</i>	<i>17</i>
<i>Ana Clara Duarte Barbosa.....</i>	<i>19</i>
<i>Ana Luíza dos Santos Gomes</i>	<i>21</i>
<i>Arthur Nemias Fernandes dos Santos.....</i>	<i>23</i>
<i>Bernardo Henrique</i>	<i>25</i>
<i>Daniel da Silva Coelho</i>	<i>26</i>
<i>Daniel Valentim Lima Duarte.....</i>	<i>28</i>
<i>Débora Ribeiro França Inácio</i>	<i>30</i>
<i>Enzo Gabriel de Oliveira Andrade.....</i>	<i>32</i>
<i>Felipe Rocha Pereira</i>	<i>34</i>
<i>Gunter Carlos Incutto Gomes.....</i>	<i>35</i>
<i>Hannah Lucena Sales Santos</i>	<i>38</i>
<i>Isabella Vitória Patriota Granella</i>	<i>40</i>
<i>Júlia Pereira de Castro</i>	<i>41</i>
<i>Kenay Calebe da Silva Dos Santos.....</i>	<i>43</i>
<i>Lanna Victoria Marques da Silva.....</i>	<i>45</i>
<i>Leonardo Lima De Campos</i>	<i>47</i>
<i>Leonardo Wendelim Sobral Alves da Cunha.....</i>	<i>49</i>
<i>Lislane Nazareth de Azevedo.....</i>	<i>51</i>
<i>Lizia Victoria.....</i>	<i>52</i>

<i>Maria Eduarda França da Silva</i>	54
<i>Maria Luíza Bastos de Lima</i>	55
<i>Mayara Cordeiro de Almeida</i>	57
<i>Mirian Costa Soares</i>	59
<i>Myrla Kiara Batista Viana Feitosa</i>	60
<i>Sarah Sophia dos Santos Cruz</i>	62
<i>Gabriela Barboza Nogueira</i>	64

Primeiro Concurso de Redação Nacional da DPHDM

Vice-Almirante (RM1) Gilberto Santos Kerr

“O Brasil é um país que respira pelo mar!”, disse a Professora The-rezinha de Castro.

É também uma nação que esteve de costas para o mar por muito tempo.

Ao promover o primeiro concurso de redação da Diretoria do Pa-trimônio Histórico e Documentação da Marinha, em parceria com a Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro, demos um passo importante para compreender por que o Brasil ainda não to-mou posse dessa imensidão azul que é sinônimo de Soberania, De-senvolvimento e Conhecimento! Fizemos essa pergunta para cente-nas de jovens de todo o Brasil.

Este livro é a prova de que uma nova geração decidiu olhar de frente e assumir o leme.

O tema proposto foi tempestivo e fundamental, agregando Cul-tura Oceânica e Amazônia Azul. Reunidas aqui estão as melhores re-dações de um concurso nacional que mobilizou estudantes de todas as regiões do país. Mais do que um concurso de textos, esta foi uma convocação.

Pedimos aos jovens que pensassem o Brasil como um país marí-timo.

Que enxergassem na Amazônia Azul não apenas 5,7 milhões de km² de mar, mas ciência, alimento, energia, cultura, identidade e so-berania. E eles corresponderam.

Cada redação é uma bússola. Cada jovem autor, um timoneiro que aponta caminhos. Com dados, com poesia e com coragem, eles mergulharam nas águas por onde o Brasil precisa navegar... Com sensibilidade, cada redação representa uma voz que entende que o futuro do Brasil passa pelo mar. Este livro só foi possível graças a uma rede de apoio fundamental.

Agradecemos, em primeiro lugar, às escolas e a todos os profes-sores que incentivaram, corrigiram, debateram e acreditaram no po-der da palavra dos seus alunos. Sem vocês, nenhuma destas ideias teria chegado até aqui.

E um agradecimento muito especial à Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro, parceira essencial que abraçou esta causa e nos ajudou a ancorar este projeto, aos profissionais da Comissão Avaliadora do Concurso e à Editora Sonho, tornando possível dar voz e livro a estes jovens autores. Que estas vozes inspirem outras centenas.

Que elas nos lembrem que, para sermos um país de verdade, precisamos ser também um País de Mar! Foram estudantes do Oiapoque ao Chuí pensando sobre o mar que nos pertence: o mar do pré-sal, das baleias, da pesca, do clima, da ciência e da nossa história. Ler estes textos é descobrir um Brasil que pensa grande.

É ver jovens que já entenderam que cuidar do oceano é cuidar do futuro, e que defender a Amazônia Azul é defender o país.

Que a leitura destas páginas desperte em cada leitor uma nova consciência marítima, e a mesma vontade que despertou neles: a vontade de olhar para o mar e chamar de nosso! E que inspire outras centenas de jovens a embarcar nesta belíssima e sagrada travessia.

Como bons navegantes, é hora de içar as velas! Bons ventos!

Vice-Almirante (RM1), Gilberto Santos Kerr
Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

Palavra da Capitão de Fragata (T) Renata da Rocha Pereira

A Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030), proclamada pela Organização das Nações Unidas e coordenada pela Comissão Oceanográfica Intergovernamental, tem inspirado diversos eventos no Brasil e no mundo, como o Congresso Brasileiro de Oceanografia e as Conferências da Década do Oceano, promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Bióloga marinha, zoóloga, escritora e pioneira do movimento ambientalista contemporâneo, a norte-americana Rachel Carson inspirou gerações ao unir rigor científico e sensibilidade literária. Em *O mar* que nos cerca (1951), obra que permanece atual, revela a profunda ligação entre a humanidade e o oceano.

Inspirados por seu pensamento, podemos dizer que o oceano sempre constituiu um poderoso chamamento à humanidade e que, ao reencontrarmos o mar, também reencontramos parte de nós mesmos. Não por acaso, antes do primeiro fôlego, todos conhecemos a vida pelas águas do ventre materno. Dessa memória ancestral – biológica, simbólica e afetiva – irrompe, como a força das ondas, a compreensão de que conservar os oceanos é também preservar a própria condição humana.

É nesse contexto, em que a sustentabilidade permeia os múltiplos tons de azul do oceano, que nasceu a primeira edição do Concurso Nacional de Redação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Tratou-se de um convite para que os jovens de hoje, cidadãos do amanhã, mergulhassem no universo da Cultura Oceânica e, por extensão, em nossa Amazônia Azul, patrimônio nacional estratégico por reunir vertentes econômica, científica, ambiental e de soberania. Cabe agradecer à presidente da Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro (ALARJ) e à Comissão Avaliadora do Concurso de Redação, cuja atuação assegurou a credibilidade do certame, reconhecendo os trabalhos de maior mérito e promovendo a educação, a cidadania e a reflexão sobre o tema proposto.

As escolas e os professores são os grandes semeadores da consciência cidadã. Ao promoverem a Cultura Oceânica, transformam o

conhecimento em compromisso, despertando nos estudantes a percepção de que o oceano não é apenas um cenário da natureza, mas a fonte da vida, da regulação do clima, da biodiversidade e da própria existência da humanidade. Em última instância, é o equilíbrio do planeta que está em jogo.

Mais do que ensinar conteúdos, educadores inspiram atitudes. Cada aula, cada projeto e cada redação constituem uma oportunidade para formar jovens capazes de refletir, criar soluções e assumir a responsabilidade de proteger os mares e seus recursos. Nesse concurso, o protagonismo das escolas e de seus professores vai além da orientação pedagógica: eles incentivam a curiosidade, o pensamento crítico e a expressão de ideias que podem contribuir para uma sociedade mais consciente e sustentável. Ao cultivar esse olhar sobre o oceano, ajudam a formar cidadãos preparados para enfrentar os desafios ambientais do presente e construir um futuro em que o desenvolvimento e a conservação caminhem lado a lado.

A vocês, estudantes, autores desses textos e reflexões, foi uma grande satisfação acompanhar a dedicação, a criatividade e a sensibilidade com que abordaram a Cultura Oceânica. Suas redações evidenciam que conhecer e valorizar os oceanos significa compreender seu papel para a vida, para a resiliência ambiental e para o desenvolvimento do País. Que esse olhar atento e comprometido continue a inspirar atitudes capazes de proteger esse patrimônio essencial às presentes e futuras gerações.

O maior legado do Concurso Nacional de Redação da DPHDM está nas sementes lançadas ao longo dessa jornada: o respeito pelo oceano, o conhecimento pela sua relevância e a responsabilidade por sua preservação. Cada redação contribui para fazer florescer uma nova relação entre o Brasil e o mar, formando uma geração capaz de proteger o patrimônio marinho e de fazer da Cultura Oceânica um valor inegociável – para cada um de nós, para o País e para o planeta.

Capitão de Fragata (T), Renata da Rocha Pereira
Pedagoga e Encarregada da Seção de Projetos Culturais da DPHDM

PREFÁCIO

Cultura oceânica

Quando a escrita preserva os oceanos, constrói cidadania e inspira gerações

Vivemos um tempo em que educar significa, acima de tudo, formar cidadãos conscientes de seu papel na preservação da vida e na construção de um futuro sustentável. Nesse contexto, a Cultura Oceânica emerge como um dos mais importantes instrumentos de sensibilização, demonstrando que os oceanos não representam apenas um patrimônio natural de extraordinária beleza, mas constituem a base da vida no planeta, influenciando o clima, a biodiversidade, a segurança alimentar, a economia, a geração de empregos e o desenvolvimento das nações.

O Brasil, detentor de um dos maiores patrimônios marítimos do mundo, possui na chamada Amazônia Azul uma riqueza estratégica de valor inestimável.

Compreender essa realidade é compreender que proteger o mar significa proteger nossa própria existência. É nesse propósito que nasce o Concurso Nacional de Redação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), uma iniciativa idealizada pelo Vice-Almirante Gilberto Santos Kerr, Diretor da DPHDM, que vislumbrou na educação um poderoso instrumento de conscientização sobre a importância dos oceanos e da soberania marítima brasileira.

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, responsável por importantes equipamentos culturais, entre eles o Espaço Cultural da Marinha, o Museu Naval e a histórica Ilha Fiscal, assumiu, por meio deste concurso, o compromisso de aproximar conhecimento, cultura e cidadania das novas gerações.

Para a Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro (ALARJ), participar desta construção representou uma missão de profundo significado.

Como Presidente da Academia, tive a honra de atuar como curadora do tema Cultura Oceânica, organizadora do Concurso Nacional de Redação e coordenadora editorial desta obra, colocando a

literatura a serviço da educação, da preservação da memória e da valorização do conhecimento.

A presente publicação reúne as redações vencedoras da primeira edição do concurso, transformando jovens estudantes em autores publicados. Mais do que registrar textos vencedores, este livro eterniza sonhos, incentiva novas vocações literárias e demonstra que a escola continua sendo o espaço onde nascem ideias capazes de transformar o mundo.

Nosso propósito vai além da premiação. Desejamos despertar o gosto pela leitura, fortalecer a escrita como instrumento de expressão e incentivar cada estudante a compreender que sua voz possui valor, que suas palavras podem construir conhecimento e que sua história merece ser preservada.

Esperamos que esta iniciativa se consolide como uma política permanente de incentivo à educação, tornando-se, futuramente, parte integrante das práticas pedagógicas das escolas brasileiras. Acreditamos que a Cultura Oceânica dialoga naturalmente com diferentes áreas do conhecimento e que sua abordagem interdisciplinar fortalece os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente aqueles relacionados à conservação dos oceanos, à educação de qualidade e ao desenvolvimento sustentável, princípios amplamente defendidos pela UNESCO, instituição que chancela este concurso.

A Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro mantém esse compromisso por meio de diversas ações educacionais, oferecendo palestras sobre Cultura Oceânica, Economia Azul, Amazônia Azul e Soberania Marítima, além do programa “Escritores na Escola”, iniciativa que aproxima escritores dos estudantes, desperta o interesse pela literatura e demonstra que escrever é construir legado, também contamos com oficinas de escrita e artes, no tema proposto.

Os acadêmicos preservam a memória de uma sociedade por meio da literatura, das artes, da música e da produção intelectual. Um povo que preserva sua memória fortalece sua identidade; um povo que incentiva seus jovens a escrever investe no futuro de sua própria história.

Este livro simboliza exatamente essa missão: permitir que cada estudante aqui publicado deixe sua marca no mundo e inspire outros jovens a acreditarem no poder transformador da leitura e da escrita.

Nenhuma grande realização acontece de forma solitária. Por isso, registro minha profunda gratidão ao Departamento Museologia da DPHDM, por meio da Divisão de Educação em Museus, parceiro fundamental desde os primeiros passos desta iniciativa, e, de modo especial, à Capitão de Fragata Renata da Rocha Pereira, que ainda à frente do Setor Educativo e posteriormente na Sessão de Projetos Culturais, acreditou neste projeto desde sua concepção, oferecendo apoio, incentivo e dedicação permanentes.

Expresso igualmente minha sincera gratidão ao Vice-Almirante Gilberto Santos Kerr, Diretor da DPHDM, pela confiança depositada em meu trabalho e na Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro, tornando possível a concretização desta importante iniciativa em favor da educação, da cultura e da preservação da memória nacional.

Meu reconhecimento estende-se às escolas, aos professores, às instituições parceiras, às organizações ambientais e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na pessoa da Professora Vanessa, coordenadora dos projetos de extensão da Faculdade de Oceanografia (FAOC), cuja colaboração fortaleceu significativamente esta primeira edição do concurso.

Agradeço, de maneira especial, à Editora Sonho, na pessoa de seu fundador, Marcus J. Trindade, pela excelência editorial, sensibilidade e profissionalismo que possibilitaram transformar estas redações em uma obra que permanecerá como legado para seus autores e para a educação brasileira.

Registro, ainda, minha profunda admiração à Comissão Avaliadora, composta por profissionais de elevada competência acadêmica e reconhecida experiência, cuja dedicação, seriedade e rigor técnico asseguraram a excelência do processo de avaliação:

- Andréa Maria da Cunha
- Catarina Labouré Madeira Barreto Ferreira
- Cristiana Escola
- Helton Timóteo
- Maitê Francini
- Maria Daluz Ribeiro Boian
- Newton Nazareth

- Paulla Kamilo
- Sérgio Caldas

A cada integrante, meu respeito e gratidão pelo compromisso com a qualidade, a ética e a valorização da produção intelectual de nossos estudantes.

Que esta seja apenas a primeira de muitas edições.

Que mais escolas se unam a esta iniciativa.

Que mais professores descubram na escrita um instrumento de transformação.

Que mais estudantes compreendam que suas palavras possuem o poder de mudar realidades.

Porque preservar os oceanos também é preservar histórias.

E toda grande transformação começa quando alguém decide escrever a primeira página de seu próprio legado.

Andréa Maria da Cunha

Artista plástica, escritora, CEO da Goodfriends Seguros, Presidente da Academia de Letras e Artes da Cidade do Rio de Janeiro (ALARJ), Acadêmica Titular da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul, Acadêmica Honorária da APALA, Acadêmica Titular da Academia Irajaense de Letras e Artes (AILA), curadora do tema Cultura Oceânica do Concurso Nacional de Redação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, organizadora do concurso e coordenadora editorial desta obra. Atua na promoção da literatura, das artes, da educação e da preservação da memória cultural brasileira, desenvolvendo projetos que aproximam escritores, estudantes e instituições em torno da construção de um legado por meio da leitura, da escrita e da valorização do patrimônio histórico e cultural.

Instagram: @concursodeliteratura | @imortaisdasletraseartes

Os oceanos brasileiros e a Marinha do Brasil

A Marinha do Brasil tem um papel muito importante para ajudar a preservar os animais marinhos. Se ela não existisse, muitos dos nossos animais aquáticos estariam extintos. Por isso, o papel dela é importantíssimo, pois protege os oceanos, a vida e os ecossistemas que habitam a Amazônia Azul.

Além disso, ajuda combatendo as pescas ilegais, as pescas predatórias e as poluições causadas por navios. Também tem um papel muito importante nas pesquisas científicas sobre os oceanos, o clima e a biodiversidade, ajudando a entender melhor esses ambientes.

A Marinha também ajuda a garantir a proteção e a segurança dos navios, orientando nas áreas de navegação e utilizando os faróis para evitar acidentes.

Dessa forma, contribui para a defesa militar, para a preservação ambiental e para o uso consciente dos recursos naturais, contando também com a ajuda de toda a população.

Não podemos ser as pessoas que sujam as águas, porque nós mesmos consumimos os alimentos que vêm delas. Por isso, devemos parar de poluir e ajudar na preservação dos oceanos, para que tenhamos mares mais limpos, saudáveis e capazes de proporcionar uma vida melhor. Preservar os mares brasileiros é fundamental para a qualidade de vida de todos.

O equilíbrio do nosso planeta depende disso. O mar que banha a costa do nosso país e o Oceano Atlântico são responsáveis pelo clima, pelas chuvas e pelas temperaturas.

Se esses ecossistemas entrarem em desequilíbrio, muitos problemas sociais e ambientais poderão acontecer.

Outro ponto importante é a economia. Atividades como turismo, pesca e transporte marítimo dependem diretamente de mares limpos e saudáveis.

Praias poluídas e a degradação dos ambientes marinhos afastam turistas e prejudicam comunidades inteiras que dependem desses recursos.

A preservação também está ligada à saúde humana. Oceanos poluídos por lixo, especialmente plástico e substâncias tóxicas, podem contaminar alimentos e afetar diretamente a saúde das pessoas.

Portanto, preservar os oceanos brasileiros é garantir vida, alimento, equilíbrio ambiental e desenvolvimento para o presente e para o futuro. As próximas gerações dependem das atitudes tomadas hoje.

Cuidar dos mares é cuidar do planeta e de todos que nele habitam.

Acir Kalleb Alves de Oliveira – 8 anos

Marinha: guardiã dos nossos oceanos - o desafio de exercer a soberania brasileira na Amazônia Azul

Quando se fala em território brasileiro, muitas vezes o pensamento se limita às terras continentais. No entanto, o Brasil possui uma imensa área marítima chamada Amazônia Azul, que abriga riquezas naturais, biodiversidade e recursos essenciais para a economia do país. Nesse cenário, a atuação da Marinha torna-se indispensável para garantir a proteção desse espaço e assegurar a soberania nacional diante dos desafios contemporâneos.

A importância da Amazônia Azul vai além de sua extensão territorial. É nessa área que se encontram reservas de petróleo, rotas marítimas estratégicas e recursos pesqueiros fundamentais para o desenvolvimento econômico brasileiro. Além disso, trata-se de uma região de grande relevância ambiental, cuja preservação impacta diretamente o equilíbrio ecológico.

Dessa forma, proteger esse patrimônio significa também cuidar do futuro da nação e das próximas gerações. Entretanto, a defesa dessa área enfrenta obstáculos significativos.

A grande extensão marítima dificulta a fiscalização e exige investimentos em tecnologia, embarcações modernas e sistemas eficientes de monitoramento. Problemas como pesca ilegal, tráfico internacional e exploração indevida de recursos naturais tornam a atuação da Marinha ainda mais necessária. Sem estrutura adequada, o controle desse território pode se tornar cada vez mais frágil, colocando em risco tanto a segurança nacional quanto as riquezas naturais brasileiras.

Além disso, muitas pessoas ainda desconhecem a importância da Amazônia Azul para o país. Esse desconhecimento faz com que o tema receba pouca atenção da sociedade, mesmo sendo essencial para a economia, para o meio ambiente e para a soberania brasileira.

Por isso, discutir o assunto nas escolas e nos meios de comunicação é uma forma de aproximar a população dessa realidade e despertar maior consciência coletiva.

Diante disso, é fundamental que o Estado amplie os investimentos na modernização naval e incentive pesquisas voltadas ao monitoramento marítimo.

Além disso, a conscientização da sociedade sobre a importância da Amazônia Azul deve ser fortalecida. Assim, será possível garantir que a Marinha continue exercendo seu papel de guardião dos oceanos, protegendo as riquezas brasileiras e reafirmando a soberania nacional de maneira eficiente e responsável.

*Ana Beatriz da Silva Reis – 1º ano do ensino médio
Colégio COC - Imperatriz/MA.*

EMPECILHOS NA CONCRETIZAÇÃO DA SOBERANIA NACIONAL NA AMAZÔNIA AZUL

Conforme a Constituição Federal de 1988, é dever do Estado garantir — por meio de políticas públicas ambientais e investimentos — um meio ambiente ecologicamente equilibrado para todos os cidadãos. Entretanto, percebe-se que tal norma constitucional não é plenamente efetivada, visto os desafios do exercício da soberania na Amazônia Azul — extensa área marítima rica em biodiversidade e recursos naturais estratégicos, pertencente ao território brasileiro.

Nesse contexto, a omissão estatal e a ganância humana configuram-se como os principais fatores responsáveis pela intensificação da problemática. Diante desse cenário, a negligência governamental exerce um papel decisivo na fragilização da Amazônia Azul. Sob essa perspectiva, a Agenda 2030, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), propõe metas voltadas ao desenvolvimento sustentável, tendo a preservação ambiental como uma de suas prioridades.

Todavia, em desacordo com os objetivos estabelecidos pela ONU, percebe-se a atuação limitada do governo brasileiro no fortalecimento da vigilância marítima, evidenciada pela insuficiência de aparelhos tecnológicos e embarcações específicas de vigilância em pontos estratégicos da região oceânica. Tal descaso acarreta na vulnerabilidade das fronteiras marítimas e contribui para a prática de crimes ambientais na região, como a exploração ilegal e a pesca predatória. Dessa forma, torna-se urgente a atuação imediata do Estado no impasse. Ademais, vale ressaltar a influência da ganância humana sobre a problemática. Nesse contexto, o físico britânico Stephen Hawking afirma que a poluição, a ganância e a estupidez figuram-se como as maiores ameaças do planeta.

De maneira análoga à ideia do cientista, a sociedade contemporânea apresenta comportamentos marcados pela exploração dos recursos naturais, haja vista o crescimento da pesca ilegal em época de defeso — período de reprodução das espécies marinhas. Por conseguinte, resultará na perda de uma parcela considerável de espécies marinhas, ocasionando na redução da biodiversidade local e no ciclo de manutenção da vida marinha. Assim, torna-se evidente a necessidade de combater as ações motivadas pelo desejo de lucro e da

desvalorização do meio ambiente marítimo. Portanto, torna-se fundamental combater os desafios enfrentados pela marinha brasileira para exercer a soberania na Amazônia Azul. Para isso, o Governo Federal – órgão máximo do Poder Executivo, responsável pela administração pública – deve investir na modernização dos equipamentos de monitoramento marítimo, por meio do uso de verbas públicas para a melhoria de equipamentos de vigilância em embarcações, com o objetivo de combater explorações ilegais.

Além disso, o Ministério do Meio Ambiente, em parceria com os meios de comunicação midiática, deve promover a conscientização responsável para a preservação do meio ambiente, por meio de palestras e ações de conscientização ambiental. Dessa maneira, os direitos constitucionais previstos na lei serão definitivamente efetivados.

*Ana Clara Duarte Barbosa – 3º ano do ensino médio
Colégio Cívico Rotary*

MARINHA DO BRASIL: GUARDIÃ DOS NOSSOS OCEANOS

Os oceanos cobrem grande parte do nosso planeta e são muito importantes para a vida na Terra. Eles regulam o clima, produzem oxigênio, absorvem parte do dióxido de carbono que produzimos, fornecem alimentos e recursos naturais, que servem de matéria-prima para medicamentos e cosméticos, por exemplo, além de movimentarem a economia e gerarem emprego. O Brasil tem uma costa com mais de 7,4 mil quilômetros de extensão e uma área chamada de Amazônia Azul. Esse espaço corresponde a quase metade do nosso território e guarda uma enorme riqueza ambiental e econômica. Nesse contexto, a Marinha do Brasil tem um papel fundamental para proteger e preservar esse patrimônio.

As funções da marinha não se limitam apenas à defesa do País. Ela realiza a fiscalização constante de toda a região marítima. Com esse trabalho, combate ações ilegais que causam muitos danos, como a pesca excessiva, que pode extinguir espécies e desequilibrar a natureza. Também evita o descarte incorreto de lixo e de produtos industriais, que poluem a água e prejudicam animais e plantas marinhos. Assim, ela é responsável por zelar pela vida marítima do nosso país, preservando a biodiversidade presente nas águas brasileiras.

Além disso, em situação de risco ambiental, como vazamentos de óleo ou substâncias perigosas, a Marinha age com rapidez. Ela tem estrutura e equipe preparadas para controlar eventuais problemas e recuperar as áreas atingidas, como aconteceu durante o acidente que manchou o nosso litoral, em 2019. Este foi considerado o desastre ambiental de maior extensão no país. Na ocasião, a Marinha brasileira destinou navios e fuzileiros navais para a limpeza das águas e da costa brasileiras, coordenou o inquérito que investigou os responsáveis e identificou um navio suspeito.

Assim, as forças marítimas brasileiras apoiam estudos e pesquisas para conhecer melhor os nossos mares, suas espécies e os efeitos das mudanças climáticas. Ademais, também promovem atividades educativas, levando conhecimento às pessoas para que todos possam colaborar com a conservação da vida e da diversidade oceânicas. Dessa forma, o trabalho da Marinha garante que os espaços marítimos continuem saudáveis e produtivos. É importante que toda a população

se conscientize: cuidar dos nossos oceanos é garantir um futuro melhor para todo o Brasil. E esse é um papel da Marinha Brasileira, mas, também, de cada um de nós!

Ana Luíza dos Santos Gomes – 9º ano
Escola Municipal Professora Roseni dos Santos Silva

SOBERANIA NACIONAL E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO NOS MARES BRASILEIROS

Frequentemente, debate-se sobre o papel da Marinha Brasileira como instituição responsável por assegurar a soberania nacional nos oceanos. Surge então o emblemático caso da “Guerra da Lagosta”, em que embarcações francesas realizaram a pesca do crustáceo sem a autorização do governo brasileiro, sendo elas ainda escoltadas por navios de guerra da França. Essa situação causou um conflito diplomático entre os dois países e gerou o receio de uma possível guerra direta. Felizmente, nada mais grave aconteceu, mas o episódio nos traz lições a respeito da autonomia brasileira sobre seu território oceânico, e sobre o direito à exploração dos recursos encontrados nele.

Nesse sentido, é relevante ao debate público a discussão sobre a descoberta do potencial petrolífero da Margem Equatorial. Conforme estimativas da ANP — Agência Nacional do Petróleo —, a área abriga um potencial de exploração de até 30 bilhões de barris desse combustível fóssil. Além disso, as recentes tensões diplomáticas entre Venezuela e Guiana pela região de Essequibo evidenciam como disputas territoriais podem repercutir sobre áreas marítimas estratégicas do Atlântico Sul, exigindo do Brasil uma atuação naval capaz de proteger seus interesses econômicos e sua soberania na Amazônia Azul.

Ademais, é fundamental compreender o significado de soberania marítima. De acordo com o dicionário de relações internacionais, soberania é “a expressão máxima da independência de um Estado, manifestando-se através do direito exclusivo de exercer autoridade legislativa, judicial e executiva dentro de suas fronteiras.” Aplicando ao ambiente dos mares, o pensamento de Cláudia Linhares nos mostra que “não há nação desenvolvida sem uma ciência forte”. Portanto, para que um país seja realmente soberano é necessário que haja investimento significativo em tecnologia e pesquisa, possibilitando o monitoramento marítimo com satélites, radares e submarinos estratégicos, de modo que os mares brasileiros sejam devidamente protegidos de eventuais ameaças.

Portanto, para garantir a soberania brasileira na Amazônia Azul é necessária uma abordagem integrada e eficiente. Cabe então à Marinha Brasileira, em parceria com o Ministério da Educação e em parcerias público-privadas, criar e financiar projetos de pesquisa nas universidades que visem levantar dados e informações ainda mais precisas sobre o oceano brasileiro — tais como zonas climáticas, hábitos de espécies marinhas, minerais estratégicos, entre outros —, utilizando esses dados em relatórios de alta precisão, com a finalidade de promover o desenvolvimento tecnológico de ponta por meio da construção de equipamentos adaptados às melhores condições marítimas descobertas nesses projetos, empregando esses equipamentos em patrulhas cruciais. Assim, o Brasil dará um passo à frente na manutenção de sua própria soberania na chamada Amazônia Azul.

Arthur Nemias Fernandes dos Santos

AMAZÔNIA AZUL O TESOURO DO BRASIL

A Amazônia Azul é a grande extensão marinha que sustenta o Brasil, com riquezas biológicas, climáticas e econômicas. Suas águas abrigam recifes, manguezais e plantio, base da cadeia alimentar oceânica.

Esses ecossistemas regulam o clima e armazenam carbono, sendo essenciais, muitas para o planeta.

A região é lotada de espécies, muitas ainda desconhecidas. A pesca artesanal aumenta a comunidade litorânea e gera renda para milhares de famílias. Pontos e rotas comerciais dependem dessa área, assim como petróleo e gás.

Por isso a Amazônia Azul tem grande valor estratégico para a soberania nacional.

Porém, a exploração tem riscos como derrames de petróleo e poluição química.

A pesca ilegal e predatória ameaça os estoques de peixes e a vida marinha.

A ocupação costeira degrada, mangues e estuários, destruindo habitats importantes.

As mudanças climáticas aumentam a temperatura do mar e alteram correntes oceânicas.

Preservar essa área é garantir a segurança alimentar e recursos para o futuro.

E também combater o tráfico e atividades ilícitas que afetam o mar.

Preservar a soberania exige ciência, áreas protegidas, políticas equilibradas e economia sustentável.

*Bernardo Henrique – 1º ano
C.E. Professora Maria Terezinha*

SALVADORES DA MARÉ

O futuro dos nossos oceanos está sendo decidido agora, no dia a dia. Os mares do Brasil, que chamamos de Amazônia Azul, são muito mais do que água: eles regulam o clima do planeta, produzem boa parte do oxigênio que respiramos e sustentam a vida de milhares de famílias que vivem da pesca e do mar. Mas a verdade é que esse tesouro está em perigo. O plástico boiando por toda parte, as águas cada vez mais quentes e a pesca ilegal, que acaba com os cardumes, estão machucando seriamente esse imenso território azul. Além disso, a Marinha do Brasil atua de formas concretas e essenciais. Seus navios patrulham vastas áreas, os cientistas realizam pesquisas importantes sobre a saúde das águas e as equipes agem rapidamente para evitar desastres ambientais, como vazamentos de óleo. Eles também fiscalizam a Amazônia Azul, garantindo mais proteção para o oceano. É aí que ela entra como uma guardiã gigante. Com seus navios, aviões e cientistas trabalhando dia e noite nessas águas, a Marinha combate a poluição, impede a pesca ilegal e cuida de áreas protegidas, como os recifes e os manguezais.

A Marinha não cuida apenas do mar — ela defende o nosso futuro. Depois disso tudo, muitas pessoas ainda não perceberam como o trabalho da Marinha é importante. Não se trata apenas da defesa da imensidão da maré, mas também de cuidado e responsabilidade, pois tudo o que acontece no mar impacta diretamente a nossa vida. Cada ação no oceano reflete em algo aqui na terra: no alimento, no clima e na economia de cidades inteiras.

O gigante azul parece distante, silencioso e quase invisível no dia a dia, mas ele está sempre presente, sustentando, equilibrando e respirando junto com o planeta. Por isso, existem pessoas dedicadas a enfrentar tudo o que ameaça o ecossistema e os animais marinhos, inclusive a poluição causada pelo lixo jogado nas águas. Também existem organizações, como o Greenpeace, que pesquisam e orientam sobre a preservação ambiental. Enquanto isso, a Marinha realiza o trabalho prático, utilizando equipamentos de alta tecnologia, como radares capazes de detectar embarcações a longas distâncias, interceptando ameaças e monitorando qualquer atividade suspeita.

Além disso, aeronaves de vigilância desempenham um papel essencial, sobrevoando grandes áreas para identificar manchas de óleo e outros sinais de irregularidade. Todo esse trabalho mostra como é importante proteger as riquezas naturais do nosso país. Por isso, acredito que não basta apenas a Marinha cumprir o seu papel. Cada um de nós também tem responsabilidades: evitar jogar lixo no mar, respeitar a natureza e cobrar atitudes concretas do governo. Se agirmos juntos hoje, ainda poderemos entregar às futuras gerações um planeta vivo, azul e saudável.

Daniel da Silva Coelho – 8º ano
C.E. Paulo Freire

SOB O TRIDENTE DE POSEIDON, A GUARDIÃ DA AMAZÔNIA AZUL

Na mitologia grega, Poseidon era o soberano dos mares, capaz tanto de garantir a segurança dos navegantes quanto de desencadear tempestades contra ameaças ao seu domínio. A Marinha do Brasil, semelhante a essa divindade, enfrenta o desafio de atuar como guardiã da porção oceânica brasileira conhecida como “Amazônia Azul”, região estratégica para a soberania nacional. Para cumprir a missão de salvaguardar essa plataforma continental, a Força enfrenta uma conjuntura complexa, em virtude da vastidão da área e do significativo interesse estrangeiro pelas riquezas nela existentes.

A Amazônia Azul compreende uma área de tamanho superior à de países como a Índia e o Japão somados, revelando vultoso desafio enfrentado pela Armada brasileira para exercer a soberania na região. Além disso, ela é recoberta por grandes bolsões de petróleo, uma biodiversidade que tangencia os limites do imaginário e que serve, ainda, como escoamento de 93% do comércio nacional. A fim de garantir o direito exclusivo do Brasil à exploração da Amazônia Azul e obter sucesso nesta peleja, a Marinha investe na renovação de sua frota, de modo a aprimorar sua atuação em nosso litoral, com projetos como o Programa de Obtenção de Navios-Patrolha (PRO-NAPA), que moderniza patrulheiros para proteger recursos estratégicos. Por isso, apesar da complexidade dessa extensa porção continental, a guardiã dos mares tem buscado suprir lacunas e superar desafios com excelência, defendendo os interesses da nação no oceano.

A crescente relevância econômica da plataforma continental brasileira tem ampliado o interesse estrangeiro pelas riquezas do Atlântico Sul, importante desafio à soberania nacional. Recursos energéticos, reservas minerais submarinas e o elevado valor científico da área direcionam a atenção de várias potências internacionais para as águas jurisdicionais brasileiras, o que intensifica conflitos. Esse foi o caso da Elevação do Rio Grande, formação geológica muito valiosa em nossos mares por conter minerais utilizados em novas tecnologias, a qual estava sendo pesquisada ilegalmente por um navio alemão interceptado pela Marinha em 2023. Nesse cenário geopolítico e econômico, a guardiã da Amazônia Azul tem o papel de fortalecer a

presença do Estado em ambiente marítimo e, por isso, atua em cooperações internacionais de exercícios navais voltados para a fiscalização das águas regionais, como a Operação UNITAS, tradicional treinamento conduzido no Atlântico Sul. Tais exercícios incluem a participação da Força em operações de patrulhamento e monitoramento, que contribuem para coibir práticas ilícitas e reafirmar a autoridade brasileira sobre sua plataforma continental.

Portanto, em meio às silenciosas disputas travadas por entre as linhas limítrofes da Amazônia Azul, imaginárias, registradas apenas nas cartas náuticas, a atuação constante da Marinha se impõe como indispensável à preservação da soberania e dos interesses estratégicos desta jurisdição brasileira no Atlântico Sul. Tal qual Poseidon figurava como guardião dos mares na mitologia grega, a Força mantém-se vigilante diante dos desafios impostos pela vastidão da área e pela crescente cobiça internacional de suas riquezas.

*Daniel Valentim Lima Duarte – 3º ano do ensino médio
Colégio Naval*

O AMANHÃ DOS NOSSOS MARES: A MISSÃO DE GUARDA DA FORÇA NAVAL

O ambiente oceânico é o pilar de sustentação da vida no planeta exigindo uma vigilância que garanta a integridade dos ecossistemas para as próximas gerações.

No Brasil, essa responsabilidade recai sobre a Marinha, cuja atuação é fundamental na proteção da biodiversidade e na investigação de danos ambientais. Portanto, o futuro dos nossos mares depende da capacidade da Força Naval em conciliar a soberania com a preservação estratégica na Amazônia Azul.

Sob essa ótica, o oceano enfrenta vulnerabilidades que transcendem a poluição, englobando a pesca predatória de agentes degradadores da ordem jurídica, além das ameaças climáticas abrangendo a pirataria, tráficos ilícitos e contrabandos.

O aumento de derramamento de óleo e a poluição por plásticos contribuem para prejuízo econômico e a perda da biodiversidade.

Outrossim, a cobiça internacional sobre os recursos da plataforma continental tem se intensificado. Esses problemas ambientais comprometem diretamente a validade dos recursos para as próximas décadas.

Para fazer frente a tais ameaças, a marinha do Brasil monopoliza o poder naval através de navios de superfície, como as Fragatas Classes Tamandaré – a construção de navios modernos com alta tecnologia de defesa contra mísseis – e aeronaves com helicópteros que fazem busca e salvamento (SAR) e combate antissubmarino garantindo a dissuasão necessário para mobilidade tática essencial à defesa das águas jurisdicionais.

Essa presença ostensiva é o que assegura a pronta resposta diante de qualquer emergência ou incursão ilícita.

Para além da presença física, a proteção é exercida através da superioridade de informações e do desenvolvimento tecnológico nacional.

Projetos estratégicos como o SisGAAz (Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul) permitem um monitoramento persistente e em tempo real de toda a costa brasileira, enquanto o PROSUB fortalece a capacidade de defesa das profundezas.

Ademais, a eficácia dessas ações é amplificada pela interoperabilidade com órgãos civis, como o IBAMA, a ANP e a Receita Federal. Essa rede de cooperação interinstitucional é o que viabiliza uma fiscalização eficiente e o combate direto a crimes ambientais e transfronteiriços, consolidando a proteção do oceano.

Vislumbrar o futuro dos oceanos brasileiros sob a custódia da marinha é projetar um cenário de estabilidade e progresso.

A manutenção do poder naval atua como o alicerce que garantirá, nas próximas décadas a fruição sustentável das riquezas do oceano.

Assim, o legado de uma marinha moderna e aparelhada é a entrega de um mar brasileiro soberano, próspero e, acima de tudo, preservado para a posteridade.

Débora Ribeiro França Inácio – 8º ano

A MARINHA, LUZ PARA OS OCEANOS

As regiões oceânicas que ficam no Brasil estão sofrendo por sérios problemas ambientais, como a pesca ilegal e o derramamento de óleo, comprometendo o oceano e a nossa vida. As pescas ilegais (ou predatórias) contribuem para a extinção de peixes, pois nessas ações, acontece a pesca fora da época de reprodução, causando assim o desaparecimento de várias espécies. Já o derramamento de óleo, consiste no despejo de óleo nos mares, prejudicando a qualidade das águas e, então, ameaçando a biodiversidade marinha brasileira.

A Marinha, sobretudo, tem o papel fundamental para proteger os nossos incríveis oceanos, fiscalizando as pescas ilegais e os derramamentos de óleo, entre outros problemas ambientais que ocorrem dentro de nossos mares. Essa força armada tem importância crucial dentro de nossos oceanos, porque sem as águas, acabamos perdendo tudo. Então, os marinheiros fazem de tudo para acabar defendendo a diversidade biológica marinha. Uma curiosidade bem legal, é que têm grupos de pessoas que mesmo não sendo da marinha protegem as baleias ameaçadas pela pesca ilegal.

Entretanto, para combater as pescas ilegais, que ameaçam a biodiversidade dos animais marinhos, a marinha, que é aquela com maior potencial para exercer essa função, defende por meio de inspeções navais e patrulhas, fiscalizando possíveis embarcações com o uso de redes em locais proibidos, onde os peixes estão na época de reprodução. É fundamental a luta a esses crimes para a preservação ambiental, pois essa pesca acaba desequilibrando os ecossistemas marinhos. E durante os períodos de reprodução, a marinha amplia os monitoramentos para que não haja essas ações.

Sobre o derramamento de óleo por partes da região marítima do Brasil, a força naval brasileira defende as águas através de barreiras de contenção, que evitam o alastramento das manchas de óleo, e com equipamentos, como por exemplo os "skimmers", que por meio de um sistema de puxar, sugam as manchas oleosas das águas. E ela designa tropas (os Fuzileiros Navais) para fazer limpezas sob as praias e as regiões costeiras dos mares.

A marinha faz rigorosos planos de contingência para as plataformas e os navios de petróleo, para reduzir os danos ambientais, alinhando assim o Brasil aos protocolos internacionais e recompensar os danos.

Conclui-se, sobretudo, que a proteção da nossa região marítima (Amazônia Azul), com a incrível força armada naval da Marinha, é necessária para a preservação dos mares, da vida marinha e do futuro das nossas próximas gerações, já que parte do oxigênio do mundo vem por parte do oceano e a perda do oceano pode acabar causando a perda do nosso planeta e de toda a biodiversidade.

Enzo Gabriel de Oliveira Andrade – 9º ano
E.M. Professora Eliane dos Santos Tavares

O FUTURO DOS NOSSOS OCEANOS: O PAPEL DA MARINHA NA PROTEÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS ESPAÇOS MARÍTIMOS BRASILEIROS

Atualmente, é amplamente discutido a respeito da importância da cultura oceânica e a preservar as águas brasileiras, para a melhoria da vida no planeta.

Com relevância a esse tema, é necessário consultar os desafios relacionados a poluição do meio ambiente, e a conscientizar a sociedade. A grande área marítima do Brasil, conhecida como Amazônia Azul, demonstra um patrimônio estratégico, porque conecta biodiversidade e recursos da natureza, porém grandes ameaças e crimes florestais colocam em risco a soberania nacional.

Primeiramente a marinha brasileira pratica um papel muito importante na fiscalização das águas do Brasil. Através de operações de vigilância marítima, da luta contra pesca ilegal e o controle do tráfego naval.

Ademais, a participação de uma instituição colabora diretamente para a preservação do meio ambiente, uma vez que proíbe algumas práticas que prejudica o ecossistema marítimo e ameaça a biodiversidade da Amazônia Brasileira. Além disso, a participação da marinha, também exclui ações estratégicas e construtivas ligadas a conscientização do público e fortalece o direito de governar.

Programas de educação ambiental e investimentos em melhorias de tecnologias, aumentam a capacidade de cuidado com o ecossistema marítimo do Brasil. Do mesmo modo, a participação ativa da marinha, também exclui o aspecto, assumindo um papel social e ambiental para a proteção das riquezas do ecossistema do país. Para concluir, a preservação das águas é fundamental para a vida do planeta, e cuidar é o dever do público e do estado.

Caso certas atitudes não forem tomadas, impactos ambientais irão se agravar diante do país. É importante lembrar que as escolas devem promover campanhas e trabalhas que conscientizem a sociedade.

Felipe Rocha Pereira

MARINHA GUARDIÃ DA VIDA

Entende-se, hoje, que, muito mais do que qualquer floresta, o oceano é o verdadeiro responsável pela vida. Muito antes de a vida existir como a conhecemos, antes do próprio conceito de vida biológica existir, de acordo com a teoria da evolução, os primeiros passos foram dados nos oceanos primitivos, sendo estes os coacervados. Um dia Jacques Cousteau disse: "Esquecemos que o ciclo da água e o ciclo da vida são a mesma coisa. O que fazemos com a água, fazemos com nós mesmos". Isto não poderia ser mais assertivo.

Quando se trata de Amazônia Azul, abordamos sobre toda a riqueza, vida e maravilha de água marinha que pertence ao Brasil. Além das questões físico-químicas, como a umidificação do ar, a maritimidade e a continentalidade, além de todo o conjunto de diatomáceas, fitoplânctons e macroalgas, que atuam na produção de oxigênio do planeta, ela também atua na parte socioeconômica e cultural, por exemplo, a pesca artesanal, englobando-se nas três.

As atividades desenvolvidas próximas à costa são mais evidentes à massa populacional pela maior facilidade de observação; cerca de 25% dos brasileiros vivem, direta ou indiretamente, dos recursos oferecidos pelos mares. Para longe das costas, existem atividades de maior escala e renda, como a extração do petróleo.

Fica claro o quanto a vida na Terra é dependente dos oceanos, porém, mesmo com tudo isso, a degradação tem se tornado cada vez mais evidente. Nos casos mais claros, como a proteção de fronteiras e a proteção ambiental referente ao uso e manejo sustentável dos recursos, enfrentamos diversas dificuldades.

A fiscalização de uma área tão monumental esbarra constantemente na escassez de recursos orçamentários, na necessidade de mais meios flutuantes e aéreos e no combate a crimes complexos como a pesca ilegal predatória por frotas estrangeiras, o narcotráfico pelas rotas marítimas e a biopirataria. Diante de tais adversidades, tornou-se opressiva a carência de cuidados, o que levou a ONU a instituir a Década do Oceano, com o ODS 14, em busca de uma possível melhora.

Como afirmou, corretamente, o Almirante de Esquadra Álvaro Alberto da Mota Silva, “no mar não há cercas nem marcos divisórios.

As fronteiras marítimas só existem quando e onde os navios de guerra estão defendendo-as”.

Esta máxima deixa mais à mostra algo que é muito claro: com riquezas vastas, os interesses múltiplos entram em conflito, e logo formam-se aqueles que vão almejar mais do que lhes pertence. Os conflitos pelas áreas marinhas, que nos pertencem, são diários, alguns diretos e outros indiretos, em diversas escalas.

É justamente nesse cenário de extremas limitações geográficas e orçamentárias que a Marinha do Brasil desempenha um trabalho de excelência reconhecida. Mesmo diante do desafio de proteger linhas costeiras e oceânicas gigantescas, a Força Naval supera as adversidades com alto nível de prontidão operacional, patrulhamento incansável e inteligência estratégica.

O desvelo e a competência dos nossos marinheiros garantem não apenas a soberania territorial, mas também a salvaguarda da vida humana no mar e o suporte logístico essencial a pesquisas científicas em regiões isoladas, transformando escassez em eficiência operacional. Emergindo agora no meio ambiente em si, focado na proteção ambiental, temos que nos entristecer, porém, junto à felicidade, com tantos projetos voltados à conservação, como a própria RESEX de Arraial do Cabo.

Barreiras de dificuldades têm sido transpostas, e o percentual de extinção de espécies por ano diminuiu. Não só esta, mas outras afirmações que têm sido feitas nos dão fagulhas de esperança para com estes assuntos, refletindo o esforço conjunto e a dedicação constante na preservação das nossas espécies.

Em síntese, é claro como o mar a necessidade de cuidado com os oceanos, porque, assim como também disse Jacques Cousteau, "o que jogamos no mar, o mar nos devolve". Derramar veneno e desgraça na fonte de nossa vida não renderá bons frutos. Projetos de cultura e o estudo marinho se tornam cada vez mais importantes, pois quem entende ama e quem ama cuida.

O ser humano deve viver integrado ao meio e não acima dele. No fim, não só o mar de Arraial do Cabo ou o do Brasil, mas sim todo o oceano do mundo é a grande fonte de vida. Sendo esta a fonte, devemos lutar por ela, principalmente pela que nos é palpável, reconhecendo o valor de quem a protege na linha de frente.

Devemos lutar pela Amazônia Azul, para que seu azul de vida não desbote, mas fique ainda mais intenso e profundo.

Gunter Carlos Incutto Gomes
Colégio Francisco Porto Aguiar

A PRESERVAÇÃO DA AMAZÔNIA AZUL E A SOBERANIA BRASILEIRA

No jogo de videogame *The Legend of Zelda: Tears of the Kingdom* ocorre um fenômeno que prejudica as águas do domínio Zora – local onde vivem seres majoritariamente aquáticos – comprometendo a produção, a alimentação e o estilo de vida dessa comunidade. O Brasil, analogamente, enfrenta desafios que dificultam o pleno exercício da soberania brasileira sobre a “Amazônia Azul” – área marítima que abrange o litoral, na qual é rica em biodiversidade e recursos naturais – como a falta de fiscalização e a preservação da região, que podem afetar o país semelhante ao que é narrado no jogo, pois a exploração desenfreada e a negligência ambiental, ameaçam não somente o equilíbrio ecossistêmico, como também o equilíbrio social e econômico. Sob esse viés, é possível visualizar que a degradação ambiental, compromete principalmente a situação econômica e social do Brasil, associada à Amazônia Azul.

A Agenda 2030 feita pela Organização das Nações Unidas, aponta objetivos a serem concluídos até a data estipulada, o propósito de número 14, defende que, a conservação dos oceanos e seus recursos é indispensável para o desenvolvimento sustentável. Contudo, a falha no supervisionamento efetivo na região citada, favorece diversas práticas ilegais, como a pesca e a poluição marítima, que ameaçam a soberania dos brasileiros sobre o litoral, impactando em comunidades costeiras e enfraquecendo o controle nacional desses recursos. Além disso, é necessária uma conscientização coletiva para a redução desse problema. Na canção do cantor Michael Jackson, denominada como *Earth Song*, é denunciado os impactos negativos do desequilíbrio ecológico provocado pela ação humana. Percebe-se que, sob essa perspectiva, grande parte da população brasileira, possui a ideia de que os recursos marítimos são funcionais somente para a obtenção do lucro, desconsiderando sua importância geopolítica e ecológica. A negligência educacional quando se trata da preservação ambiental, dessa forma, dificulta na formação de uma consciência pública voltada à preservação da Amazônia Azul, consequentemente enfraquecendo a soberania nacional.

Torna-se fundamental, portanto, que o Estado promova medidas que garantam a proteção do litoral brasileiro por meio de órgãos ambientais como o Ministério do Meio Ambiente e também com o auxílio da Marinha brasileira, aumentando o investimento em sistemas de fiscalização marítima e ambiental, utilizando de tecnologias de rastreamento e fortalecendo operações contra práticas ilegais. Paralelamente, as instituições de ensino devem incentivar a educação ambiental, com projetos que discutam sobre a preservação dos oceanos. Assim será possível, reduzir os desafios para o exercício da soberania nacional sobre a Amazônia Azul sobretudo no Brasil.

*Hannah Lucena Sales Santos – 3^o ano do ensino médio
Colégio COC - Imperatriz/MA*

A IMPORTÂNCIA DA PROTEÇÃO DAS ÁGUAS BRASILEIRAS

A Constituição de 1988 estabelece que a proteção do meio ambiente é dever do Estado e da coletividade. Nesse contexto, avasta extensão marítima brasileira, denominada Amazônia Azul, representa para o Brasil um ponto estratégico, graças a sua riquíssima diversidade e as rotas de comércio. Assim, ameaças como a poluição, pesca ilegal e as mudanças climáticas repentinas podem afetar diretamente a infraestrutura brasileira, necessitando da interferência da marinha.

Primeiramente, é importante ressaltar a importância do papel da Marinha do Brasil.

Nesse sentido, a instituição atua no combate à pesca legal e na proteção dos recursos naturais, garantindo o cumprimento das leis e preservação ambiental. Ademais, por meio de operações de vigilância marítima, a Marinha impede as atividades criminosas, que ameaçam soberania nacional.

Além disso, a preservação dos oceanos depende da tecnologia e educação o uso de sistemas de monitoramento ajudam a identificar as práticas ilegais, enquanto a educação contribui para a conscientizar a população. Assim, essas ações fortalecem proteção do patrimônio marítimo brasileiro.

Portanto, é importante destacar que para um futuro sustentável de nossos oceanos, é essencial a atuação conjunta do Governo e da Sociedade. O governo federal, em parceria com a Marinha, deve promover investimentos de Tecnologia de fiscalização marítima e intensificar programas de educação ambiental nas escolas por meio de diversos projetos pedagógicos. Desse modo, será mais fácil garantir o futuro das águas brasileiras.

Isabella Vitória Patriota Granella

AMAZÔNIA AZUL: RIQUEZA ESTRATÉGICA E O DESAFIO DA SOBERANIA BRASILEIRA

O termo “Amazônia Azul” é o nome dado à área marítima sob jurisdição brasileira e, por sua vez, foi nomeado assim pela “Marinha do Brasil”, responsável por proteger, defender e preservar a região, com o objetivo de mostrar que, assim como a Amazônia terrestre, essa área é detentora de rotas comerciais, riquezas energéticas, recursos naturais e enorme biodiversidade. Sendo assim, entende-se que essa região, dotada de tais características, acaba por despertar interesse em grandes potências, que podem ameaçar a soberania brasileira sobre o território. Entretanto, tal interesse torna-se uma ameaça quando não há a devida valorização política do território marítimo nem a conscientização da população sobre essa problemática. Logo, é essencial intervir sobre essa situação.

Em primeira instância, entende-se que a falta de valorização que historicamente o Brasil oferece às questões ligadas ao território marítimo é a primeira problemática relacionada à sua soberania na região. Dessa maneira, tal importância para o país torna-se inquestionável, uma vez que sua extensão marítima se faz essencial para questões energéticas, comerciais e estratégicas. Sob a perspectiva do historiador e estrategista naval Alfred Thayer Mahan, o poder de uma nação estaria diretamente ligado ao domínio do mar; assim, a partir do momento em que países ignoram a importância estratégica do oceano, acabam perdendo relevância econômica e geopolítica. Entretanto, tal ponto de vista encontra-se enfraquecido no país, considerando que nem sempre a devida importância é atribuída à região.

Em outras palavras, projetos estratégicos, como, por exemplo, o “Programa de Desenvolvimento de Submarinos”, criado para modernizar a frota de submarinos e desenvolver o submarino nuclear brasileiro, acabam sofrendo adiamentos devido a restrições orçamentárias. Desse modo, sugere-se que a proteção do território marítimo nem sempre foi tratada como prioridade constante do Estado. Nesse sentido, é substancial modificar esse cenário de invisibilidade estratégica do mar perante o governo.

Em segunda instância, a falta de conscientização popular acerca da importância do mar para o país é outra questão associada às dificuldades de exercer efetiva soberania

nesse território. Segundo Jean-Jacques Rousseau, o poder político legítimo deriva da participação ativa dos cidadãos na vida pública; ou seja, é necessário que ocorra o envolvimento da população em questões do Estado para que elas sejam tratadas de forma legítima. Portanto, analisa-se a necessidade de envolver a sociedade nessas questões para que ela exerça a pressão necessária sobre o governo, incentivando a priorização de políticas marítimas.

Além disso, governos costumam priorizar temas que correspondam às demandas sociais; logo, torná-lo um tema de interesse público é uma maneira tanto de conscientizar a população quanto de pressionar o Estado a incluir o tópico entre suas prioridades governamentais. Em síntese, a desinformação popular sobre o contexto e a importância do mar é responsável por parte do negligenciamento dessa pauta pelo governo. Por isso, é de suma importância informar os cidadãos e pressionar por medidas estatais.

Por fim, conclui-se que o negligenciamento do território marítimo, quando comparado à valorização do território terrestre, aliado à desinformação popular, acaba por gerar um cenário de invisibilidade estratégica do mar. Portanto, entende-se que, para resolver tal problema de raiz cultural e política, é necessário que o governo, por meio da “Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar”, amplie a diplomacia marítima e promova maiores investimentos no setor. Feito isso, o país garantiria maior legitimidade jurídica sobre sua área marítima e exerceria sua soberania de maneira mais efetiva.

Júlia Pereira de Castro

DEPOIS DA PRAIA, AINDA É BRASIL

Por algum tempo, acreditei que o Brasil terminava na costa. Ao olhar para o oceano, parece que tudo para ali: a terra, as cidades, os caminhos. Depois da areia existe apenas aquele azul enorme que parece não pertencer a ninguém. Eu mesmo já pensei que, depois da praia, o país simplesmente acabava ali. Mas um dia percebi que estava enganado: o Brasil não termina na praia, ele continua no oceano. Essa extensão que muitos mal imaginam é chamada de Amazônia Azul.

Trata-se de uma grande área do Oceano Atlântico que pertence ao Brasil e reúne biodiversidade, recursos naturais e rotas marítimas essenciais para o comércio do país. De certa forma, a Amazônia Azul é o Brasil que começa exatamente onde nossos olhos pensam que ele termina.

Debaixo daquela superfície aparentemente tranquila existe um mundo inteiro que a maioria das pessoas nunca vê, mas do qual todos nós dependemos. Alguns cientistas explicam que o planeta funciona quase como um grande organismo vivo: o oceano circula energia como o sangue em um corpo, o fitoplâncton produz grande parte do oxigênio que respiramos como pulmões invisíveis e a biodiversidade marinha ajuda a manter o equilíbrio da Terra.

Proteger esse território, porém, é muito diferente de proteger qualquer lugar em terra firme. No mar não existem linhas no chão mostrando onde um país termina.

As fronteiras existem apenas nas coordenadas e na vigilância de quem está lá fora para protegê-las. Para muitos, o mar é apenas paisagem.

Para a Marinha do Brasil, é um território que precisa ser protegido mesmo quando o país inteiro está dormindo.

Portanto, Amazônia Azul sustenta milhões de brasileiros todos os dias no peixe que chega à mesa, nas rotas marítimas que movimentam o comércio e no equilíbrio ambiental do planeta.

Por isso, a presença da Marinha do Brasil é fundamental. Exercer soberania nesse espaço significa proteger um território imenso onde as referências da terra desaparecem e resta apenas o horizonte do oceano.

Por meio de navios, aeronaves e sistemas de monitoramento, a Marinha mantém viva a presença do Brasil nessas águas. Dessa forma, o trabalho acontece longe da costa, muitas vezes no silêncio do mar aberto. Ali, onde quase ninguém está olhando, o Brasil continua no oceano. E, enquanto o país dorme, alguém permanece ali, guardando esse azul.

Kenay Calebe da Silva Dos Santos
Escola Municipal Francisco Porto de Aguiar

O FUTURO DOS OCEANOS E A IMPORTÂNCIA DA MARINHA DO BRASIL

Os oceanos são muito importantes para a vida no planeta, pois ajudam a controlar o clima, abrigam diversas espécies de seres vivos e permitem várias atividades econômicas. Pensar no futuro dos oceanos é fundamental, principalmente para o Brasil, que possui mais de sete mil quilômetros de litoral. Nesse sentido, a Marinha do Brasil tem um papel essencial na proteção e preservação dos espaços marítimos brasileiros.

As águas do Brasil, conhecidas como “Amazônia Azul”, possuem muitas riquezas naturais, como peixes e recursos energéticos. No entanto, esses espaços enfrentam problemas como a pesca predatória e a poluição. Para combater essas ameaças, a Marinha realiza ações de fiscalização e patrulhamento, garantindo a segurança do mar e a proteção do meio ambiente. Além disso, a instituição desenvolve pesquisas e atua em situações de emergência, como acidentes ambientais, ajudando a preservar a vida marinha e a apoiar as comunidades que vivem no litoral.

Outro ponto importante é o uso da tecnologia pela Marinha do Brasil na proteção dos oceanos. Por meio de navios, radares e satélites, a instituição consegue monitorar grandes áreas do mar, identificando atividades ilegais e prevenindo danos ao meio ambiente. Essas ações ajudam a garantir que os recursos naturais sejam utilizados de forma responsável, contribuindo para a preservação dos oceanos no futuro. Apesar da importância do trabalho da Marinha, a preservação dos oceanos também depende da participação da sociedade.

É necessário que o governo invista em políticas públicas e que a população tenha consciência ambiental, respeitando as leis e cuidando do meio ambiente. Dessa forma, as ações de proteção se tornam mais eficazes.

Portanto, a Marinha do Brasil é fundamental para garantir o futuro dos oceanos e proteger os espaços marítimos brasileiros. Seu trabalho contribui para a defesa do país, para a preservação do meio ambiente e para o uso consciente dos recursos naturais.

Assim, cuidar dos oceanos significa cuidar do Brasil e assegurar que as próximas gerações possam viver em um ambiente mais equilibrado e sustentável.

Lanna Victoria Marques da Silva – 8º ano

CUIDAR DOS OCEANOS É PRESERVAR O FUTURO

O que, na mitologia antiga, era personificado como um titã indomável, na contemporaneidade, revela-se como o verdadeiro pulmão azul do planeta. O oceano atua como um ecossistema essencial, regulando a temperatura global, gerando mais de 50% do oxigênio atmosférico e abrigando a maior biodiversidade da Terra. Sua sobrevivência, no entanto, está seriamente ameaçada pelas ações humanas, o que exige a união de esforços para salvaguardá-lo. Cuidar dos oceanos é preservar o futuro. Desafiador? Sim. Mas a Marinha do Brasil surge como protagonista indispensável, pois desempenha um papel crucial na proteção, na fiscalização e na preservação ambiental dos ricos espaços marítimos que compõem o nosso território.

A degradação marinha reflete o ritmo insustentável do consumo e da exploração moderna. Segundo dados das Nações Unidas, cerca de 11 milhões de toneladas de resíduos plásticos atingem as águas mundiais anualmente, com projeções de que o peso desse lixo supere o dos peixes até 2050. Igualmente, a pesca ilegal e predatória esvazia os ecossistemas em uma velocidade muito superior à capacidade natural de regeneração da fauna. Essa poluição massiva e a exploração desmedida rompem o equilíbrio biológico e afetam diretamente a vida nas cidades costeiras, intensificando as mudanças climáticas e os desastres ambientais.

A atuação da Marinha do Brasil, então, constitui o escudo fundamental que garante a integridade da nossa vasta “Amazônia Azul”. A instituição exerce a função vital de autoridade marítima, uma vez que é responsável pela fiscalização do cumprimento das leis ambientais e pela repressão a crimes como o descarte ilegal de poluentes por navios e a pesca clandestina. E não é só isso: a Força Naval atua de forma científica e preventiva, emitindo alertas climáticos, realizando pesquisas oceanográficas indispensáveis e participando ativamente da contenção de desastres ecológicos, como vazamentos de óleo na costa. Proteger os mares, portanto, vai além da soberania militar; trata-se de garantir a segurança alimentar e o sustento econômico de milhões de brasileiros.

Logo, compreende-se que o futuro dos nossos oceanos depende de uma liderança coordenada e consciente. Para potencializar a

proteção dos espaços marítimos nacionais, seria ideal que o Ministério da Defesa, por meio da Marinha do Brasil, expandisse o monitoramento tecnológico da costa, integrando satélites e navios-patrolha no combate aos crimes ecológicos. Ademais, caso a Marinha, em parceria com escolas públicas e privadas, promovesse palestras e projetos educativos sobre a cultura oceânica, conscientizando os jovens a reduzirem o descarte de lixo plástico e a valorizarem o patrimônio naval, haveria um avanço significativo na preservação ambiental. Somente com o fortalecimento das ações navais, combinado ao engajamento ético da sociedade, será possível manter vivo o fôlego do gigante azul.

Leonardo Lima De Campos - 9^o ano
Escola Municipal Rio de Janeiro

O LEGADO AZUL: MARINHA GUARDIÃ DOS OCEANOS: O DESAFIO DE EXERCER A SOBERANIA BRASILEIRA NA AMAZÔNIA AZUL

A imensidão oceânica que banha a costa brasileira vai além de uma simples delimitação geográfica: ela representa um patrimônio estratégico de riquezas naturais, biodiversidade e potencial econômico.

Conhecida como “Amazônia Azul”, essa vasta área de aproximadamente 5,7 milhões de quilômetros quadrados engloba o mar territorial, a zona econômica exclusiva e a plataforma continental. Nesse cenário, o desafio de exercer a soberania nacional não se limita à defesa militar, mas envolve também a proteção ambiental, a produção de conhecimento científico e a exploração sustentável dos recursos, consolidando o mar como um pilar essencial para o futuro do país.

Diante disso, a Marinha do Brasil assume o papel de guardiã dessas águas jurisdicionais. Sua atuação vai desde a dissuasão de ameaças externas até o combate a práticas ilegais, como a pesca predatória e o narcotráfico, além de contribuir para o avanço científico por meio de pesquisas oceanográficas. A presença constante de meios navais e a implementação de programas estratégicos, como o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), demonstram o esforço do Estado em manter o controle efetivo sobre sua extensa área marítima. Ainda assim, a dimensão da Amazônia Azul impõe grandes desafios logísticos e operacionais, exigindo investimentos contínuos em tecnologia, monitoramento e capacitação.

Sob essa perspectiva, garantir a soberania na Amazônia Azul também significa preservar seus ecossistemas. O oceano exerce papel fundamental no equilíbrio climático global e abriga ambientes frágeis, como recifes de corais e manguezais, essenciais para a vida marinha e para comunidades costeiras.

A exploração de recursos, como o petróleo da camada do pré-sal, deve ocorrer com responsabilidade, evitando impactos ambientais significativos. Nesse sentido, a atuação conjunta entre a Marinha, instituições científicas e a sociedade é indispensável para promover a conscientização e assegurar o uso sustentável dessas riquezas.

Portanto, a defesa da Amazônia Azul vai além das Forças Armadas: trata-se de um compromisso coletivo. Fortalecer a presença do

Estado, incentivar a pesquisa e desenvolver uma consciência marítima na população são passos fundamentais para que o oceano deixe de ser visto como uma fronteira distante e passe a ser reconhecido como parte vital do território nacional. Assim, mais do que proteger limites, o Brasil precisa assumir o mar como destino estratégico, garantindo que esse legado azul continue sendo fonte de vida, desenvolvimento e orgulho para as futuras gerações.

Leonardo Wendelim Sobral Alves da Cunha

MARINHA, GUARDIÃ DOS OCEANOS: O DESAFIO DE EXERCER A SOBERANIA BRASILEIRA NA AMAZÔNIA AZUL

Pouco conhecida por parte da população, a Amazônia Azul possui um papel fundamental para o Brasil, grande parte dos recursos naturais, biodiversidade e rotas comerciais ficam localizadas nesse território, além disso a Marinha tem um papel essencial na proteção da soberania e na preservação dos oceanos mantendo o bem-estar marítimo.

A Amazônia Azul possui cerca de 5,7 milhões de quilômetros quadrados e é crucial para o desenvolvimento da economia brasileira. A marinha atua fazendo a fiscalização das águas, combatendo atividades ilegais e protegendo os recursos marítimos, pois grande parte do petróleo é retirado do mar. Além disso, essa área possui grande valor ambiental, já que os oceanos ajudam no equilíbrio climático e abrigam diversas espécies marinhas. Entretanto, problemas como poluição e exploração excessiva ameaçam os oceanos, tornando necessária a preservação ambiental. Outro ponto importante é a conscientização sobre a cultura oceânica. A grande maioria da população desconhece a importância da marinha para o país e para a qualidade de vida da população.

Assim, projetos e palestras ajudam a aproximar a população da Amazônia Azul incentivando a preservação e a importância dos oceanos. Dessa forma, a Amazônia Azul representa uma das maiores riquezas do Brasil e precisa ser protegida. Nesse sentido, a Marinha do Brasil exerce papel fundamental na defesa da soberania, na preservação ambiental e na proteção da cultura oceânica. Dessa forma investir em conscientização e proteção marítima é essencial para garantir segurança, desenvolvimento e preservação para futuras gerações, garantindo o bem-estar delas.

*Lislane Nazareth de Azevedo 2º ano
CIEP 494 Alexandre Carvalho*

DESAFIOS DE EXERCER A SOBERANIA BRASILEIRA NA AMAZÔNIA AZUL

A escritora Carolina Maria de Jesus, ao afirmar que “vivía à margem da vida”, denunciou uma realidade de invisibilidade social no Brasil.

Fora da literatura, essa ideia também pode ser percebida em outros contextos, como no caso da Amazônia Azul, área marítima extensa e rica em recursos naturais, mas que ainda enfrenta dificuldades no que diz respeito ao controle e à presença efetiva do Estado.

Nesse cenário, torna-se importante discutir os desafios para o exercício da soberania brasileira, dentre os quais se destacam a fiscalização insuficiente e a exploração desordenada dos recursos, no qual impacta diretamente o ecossistema.

Em primeiro lugar, a dificuldade de monitorar toda a extensão da Amazônia Azul compromete diretamente a soberania nacional.

Por ser uma área muito ampla, o controle constante se torna um grande desafio, o que abre espaço para práticas ilegais, como a pesca predatória e a extração irregular de recursos. Além disso, a falta de investimentos em tecnologia e estrutura dificulta a atuação das autoridades responsáveis.

Dessa forma, a ausência de uma fiscalização eficiente enfraquece o domínio do país sobre essa região estratégica. Outro ponto importante é a exploração econômica sem o devido planejamento.

A Amazônia Azul possui grande potencial, especialmente em relação ao petróleo e à biodiversidade marinha, o que desperta interesses diversos. No entanto, quando essa exploração acontece sem responsabilidade, os impactos ambientais podem ser graves e duradouros. Nesse sentido, como aponta José Murilo de Carvalho, o Brasil ainda enfrenta dificuldades em garantir direitos de forma plena, o que também se reflete na gestão dos seus recursos naturais. Assim, a falta de equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação agrava ainda mais essa problemática.

Portanto, fica evidente que a soberania brasileira na Amazônia Azul ainda enfrenta entraves significativos. Para mudar essa realidade, é fundamental que o Governo Federal invista mais em tecnologias de monitoramento e fortaleça a atuação das forças de fiscalização

marítima. Além disso, é necessário criar e aplicar políticas mais eficazes de preservação ambiental, garantindo que a exploração dos recursos aconteça de forma consciente e sustentável. Somente com essas medidas será possível assegurar o controle e a valorização dessa importante área para o Brasil.

Lizya Victoria

O MAR DO BRASIL E O FUTURO QUE A GENTE CONTA AGORA

Quando a gente pensa no mar, a primeira coisa que vem na cabeça é praia e viagem. Mas o oceano é muito mais importante do que isso. Ele ajuda a controlar o clima e é de onde vem muito do que o Brasil, produtos por navios. E o que chamam de “Amazônia Azul, uma riqueza enorme que a gente tem na nossa costa.

A marinha do Brasil tem um papel muito importante nessa história, muita gente acha que eles estão todos os dias viajando, nossas águas. Eles combatem a pesca ilegal, só que não podemos colocar tudo nas costas deles ou do governo. A gente também tem que fazer nossa parte. O problema que mais assusta é o lixo. Aquele plástico que o alguém joga nas ruas e nos rios. Uma hora ou outra vai para o mar.

Ferindo e matando animais, como as tartarugas, e poluir as praias que a gente gosta, de frequentar. Fora os vazamentos de óleo e a pesca sem limites, que estão acabando com a vida marinha muito rápido. No fim das contas, proteger o oceano é garantir o nosso próprio futuro.

Não precisa de nada impossível de fazer se cada um cuidar do seu lixo e parar de desperdiçar tanto plástico, a natureza já consegue respirar melhor. Cuidar do mar é cuidar do país onde a gente vai viver daqui a alguns anos. Espero que, daqui a alguns anos a gente possa olhar para o nosso litoral e sentir orgulho de ter preservada tudo isso. Não é só sobre as praias estar e suas águas. Se a gente começar a mudar nossas atitudes agora, o mar vai continuar sendo essa fonte de oportunidades para todo o mundo.

Proteger o que é nosso é o melhor jeito de mostrar que a gente realmente se importa com o futuro do Brasil.

Afinal, o mar não é apenas uma paisagem bonita, mas sim, uma parte fundamental da nossa identidade da nossa soberania como brasileiro.

*Maria Eduarda França da Silva - 8º ano
Escola Girassol - PA*

A CULTURA OCEÂNICA E A MARINHA DO BRASIL ATRAVÉS DO MAR

A Cultura Oceânica é um movimento global promovido pela UNESCO, criado para aumentar a conscientização da população sobre a importância dos oceanos. Este conceito busca enfatizar a maneira como o oceano impacta a sociedade e como a sociedade o afeta. Desse modo, a Marinha do Brasil, sendo o principal agente de segurança e proteção da Amazônia Azul - uma vasta área marítima, rica em biodiversidade e recursos naturais - tem papel importante em liderar esforços para conter o aumento da temperatura e proteger os oceanos.

O oceano, além de cobrir setenta por cento do planeta, é responsável por regular o clima e fornecer mais da metade do oxigênio que respiramos. Ele é fonte de subsistência para grande parte da população mundial. No entanto, a sociedade, muitas vezes desconhece a profunda relação entre a vida no continente e a saúde dos mares. Os oceanos são cruciais para a vida na Terra. Eles absorvem a maior parte do calor e gás carbônico, mas as ações humanas, como a poluição e o consumo excessivo, os impactam negativamente.

A Cultura Oceânica busca conscientizar sobre esta relação de interdependência. A partir da análise da importância dos mares para a sociedade, é preciso reconhecer a Marinha do Brasil como responsável pela proteção e segurança da Amazônia Azul, que corresponde à zona econômica exclusiva do país, onde o país detém os direitos para exploração dos recursos naturais e pesca. Por outro lado, a Marinha não só cuida da defesa e da segurança no mar, ela também trabalha para que as pessoas valorizem, reconheçam e protejam o oceano.

Embasada nos sete princípios essenciais da UNESCO, que visam ampliar a educação marinha e promover o desenvolvimento sustentável, trabalhando para termos uma geração que reconheça o valor dos oceanos. Nesse contexto, é importante valorizar a ação da Marinha do Brasil, atuando como um agente central, interligando a proteção da soberania nacional através da defesa da Amazônia Azul e a Cultura Oceânica, por meio da conscientização da população. A Marinha nos apresenta vários ensinamentos, dentre eles: que o mar é a vida que respira. Ao proteger a Amazônia Azul, a Marinha do Brasil

garante que este pulmão de águas continue a pulsação do futuro, defendendo não apenas nossa soberania, mas a nossa própria existência.

Maria Luíza Bastos de Lima – 8º ano
Escola Municipal GET Rodrigues Alves

ALÉM DO HORIZONTE: O COMPROMISSO BRASILEIRO COM A AMAZÔNIA AZUL

Historicamente, o Brasil sempre olhou para o seu interior, celebrando os desbravadores que expandiram nossas fronteiras terrestres.

No entanto, existe outro Brasil, vasto e profundo, que merece toda nossa atenção e começa onde a areia termina: a Amazônia Azul. Esse território de 5,7 milhões de km², mapeado pelos chamados "Bandeirantes do Leste", não foi conquistado com espadas, mas com o silêncio da pesquisa científica e a paciência da diplomacia. Hoje, o grande desafio não é mais descobri-lo, mas sim protegê-lo. Exercer a soberania nesse gigante oceânico exige que a Marinha do Brasil atue como verdadeira guardiã, equilibrando a vigilância rigorosa com a sede de conhecimento.

O primeiro grande desafio que encontramos é a própria imensidão do nosso mar. É difícil para o cidadão comum imaginar a dificuldade de patrulhar uma área que equivale a mais da metade do nosso território terrestre. Com uma frota que enfrenta limitações, a Marinha precisa ser onipresente para combater ameaças que muitas vezes não vemos, como a pesca predatória e o descarte silencioso de toneladas de lixo plástico. Proteger essas águas é proteger o sustento de milhares de famílias e a integridade de um ecossistema que regula o nosso clima. Sem uma presença constante e tecnológica, a nossa soberania corre o risco de ser apenas um conceito no papel, vulnerável a crimes que ferem o nosso patrimônio natural.

Além disso, não se pode cuidar daquilo que não se conhece. A ciência é, talvez, a ferramenta mais humana de soberania. De acordo com a ONU, conhecemos apenas 5% dos oceanos; o resto é um mistério guardado sob as ondas. No Brasil, o Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM) carrega o legado de homens que entenderam que pesquisar a acústica submarina e a biodiversidade é um ato de defesa nacional.

Quando investimos em ciência oceânica — setor que ainda recebe pouquíssima atenção financeira globalmente — estamos, na verdade, garantindo que as riquezas da Amazônia Azul, do pré-sal à biotecnologia, permaneçam como uma herança para as futuras gerações de brasileiros.

Em última análise, a Amazônia Azul precisa deixar de ser um "mar desconhecido" para se tornar parte da identidade de cada brasileiro. A proteção desse território não é apenas uma missão militar, mas um dever de toda a sociedade. Para que a Marinha possa continuar a sua guarda com eficiência, é fundamental que haja apoio real do Estado a modernização e pesquisa. Só assim garantiremos que esse imenso patrimônio azul continue sendo fonte de vida, riqueza e orgulho, mantendo acesa a chama de soberania que os "Bandeirantes do Leste" começaram a iluminar.

*Mayara Cordeiro de Almeida – 2º ano
Colégio Naval*

PRESERVAR OS OCEANOS É PRESERVAR A HISTÓRIA E CULTURA DA NAÇÃO BRASILEIRA

Os oceanos são o bem mais valioso que temos, entretanto, é também o mais ameaçado. O mar sempre fez parte da nossa identidade nacional, moldando nossa economia, cultura e principalmente as relações com o mundo.

No entanto, no cenário atual brasileiro, os espaços marítimos vêm enfrentando ameaças nunca vistas antes, como a perda significativa da biodiversidade, exploração excessiva, mudanças climáticas radicais e poluição, todos estes fatores mencionados colocam, não só o meio ambiente, mas também o futuro das gerações que estão por vir, em uma posição repleta de perdas e riscos.

Neste cenário, a marinha do Brasil assume um papel fundamental, não apenas como instituição de defesa, mas também como guardiã deste riquíssimo patrimônio cultural e natural, garantindo que os oceanos continuem sendo fontes de conhecimento, vida e riqueza. A intervenção da marinha na proteção dos oceanos vai muito além da segurança territorial, ela está presente nas ações de fiscalização e monitoramento, que combatem atividades ilegais como a pesca predatória, exploração irregular e práticas que resultam em danos irreparáveis aos ecossistemas marinhos.

Ações como as operações na Amazônia Azul, contribuem para a conscientização e preservação da memória histórica e cultural. Ela não visa apenas punir, mas mostrar que, o uso sustentável dos recursos garante que eles permaneçam disponíveis, para o futuro.

Mirian Costa Soares

MARINHA, GUARDIÃ DOS OCEANOS - O DESAFIO DE EXERCER A SOBERANIA BRASILEIRA NA AMAZÔNIA AZUL

A "Amazônia Azul" é o nome dessa imensa área do mar sob jurisdição brasileira, que vai do litoral até o fim da plataforma continental. Rica em biodiversidade, minerais e energia, ela é fundamental para a economia e a segurança do país. Mas protegê-la traz desafios enormes para a Marinha do Brasil, que guarda os oceanos e tem que equilibrar operações, vigilância com tecnologia e presença constante pra garantir nossa soberania.

A relevância estratégica da Amazônia Azul vai muito além de só ocupar o território. Lá estão as principais reservas de petróleo do pré-sal, minerais e um ecossistema marinho ainda pouco explorado. Controlar isso assegura energia independente, protege fontes de comida e rotas comerciais que levam nossa produção pro mundo. Se o Estado se ausentar, abre a porta pra potências estrangeiras e criminosos agirem soltos, roubando recursos ou montando bases ilegais.

Exercer soberania ali, no entanto, é bem complicado. O tamanho colossal supera o que a frota atual consegue patrulhar. A Marinha lida com cortes históricos no orçamento, o que atrasa navios novos, submarinos e manutenção de aviões de vigilância. Sem equipamentos modernos e em quantidade certa, grandes pedaços do oceano ficam com fiscalização esporádica, dando espaço pra barcos estrangeiros fazerem pesca ilegal e biopirataria na surdina.

Outro problema sério é o monitoramento em tempo real. Ao contrário da Amazônia Verde, com sua mata fechada, o mar é dinâmico, sem limites visíveis e com clima previsível. Dependemos de satélites e radares de longo alcance, mas isso revela fraquezas – ainda mais com submarinos furtivos ou navios sem identificação. Sem uma rede completa de sensores, o território marítimo fica exposto a invasões silenciosas que nem sempre viram notícia ou são notadas pelo público.

A questão ambiental também se mistura à defesa da soberania. A Amazônia Azul tem ecossistemas delicados, como corais em águas profundas e áreas de reprodução de espécies em risco. Vazamentos de óleo, descarte de lixo e acidentes com navios mercantes destroem

o meio ambiente e mostram como o Estado demora pra reagir. A Marinha, fazendo polícia ambiental no mar, precisa juntar dissuasão com proteção ecológica – o que pede treinamento Nonstop, parceria com órgãos ambientais e leis rápidas pra punir os culpados.

Diante disso, urge um esforço nacional pra reforçar o poder naval. Os submarinos convencionais e nucleares dos programas estratégicos são um avanço, mas precisam acelerar e vir com investimentos em drones marítimos, sensores submersos e satélites dedicados. Ao mesmo tempo, tem que rolar mais conscientização na sociedade, com o tema nas escolas e campanhas na mídia, pra que o mar não fique como fronteira invisível.

Em resumo, a Marinha do Brasil, guardiã legítima dos oceanos, enfrenta todo dia o desafio de soberania numa região estratégica e meio esquecida. A Amazônia Azul não é só um apêndice marítimo; é parte essencial do território nacional. Sem investimentos firmes, vontade política e apoio popular, o Brasil pode ver seu patrimônio oceânico indo pro ralo. Proteger o azul é vital como cuidar do verde, exige bravura, tecnologia e visão de futuro.

Myrla Kiara Batista Viana Feitosa – 2^a Série
E.M Colégio COC-Imperatriz/MA

MARINHA, GUARDIÃ DOS OCEANOS: O DESAFIO DE EXERCER A SOBERANIA BRASILEIRA NA AMAZÔNIA AZUL

A Marinha do Brasil exerce um papel muito importante na proteção da chamada Amazônia Azul, uma extensa área marítima pertencente ao país. Essa região possui enorme importância econômica, ambiental e estratégica, uma vez que nela existem reservas de petróleo, gás natural e uma grande diversidade de espécies marinhas. Além disso, a maior parte do comércio brasileiro acontece pelas vias marítimas, o que faz com esse território seja ainda mais relevante para o desenvolvimento nacional.

Logo, garantir a soberania brasileira sobre essas águas é um grande desafio para a Marinha e para o próprio governo.

Em primeiro lugar, um dos principais obstáculos enfrentados é a enorme extensão da Amazônia Azul. Por se tratar de uma área muito grande, torna-se difícil realizar uma fiscalização constante e eficiente, o que favorece a ocorrência de crimes como tráfico de drogas, contrabando e pesca ilegal praticada por embarcações estrangeiras. Essas atividades prejudicam tanto a economia quanto a preservação dos recursos naturais do país. Sendo assim, a Marinha precisa estar constantemente monitorando as águas brasileiras, protegendo também plataformas de petróleo e embarcações que circulam pela região.

Além disso, é importante destacar que a proteção da Amazônia Azul exige altos investimentos tanto em tecnologia quanto em equipamentos e treinamento militar. Sistemas de monitoramento, navios modernos e submarinos são essenciais para garantir maior segurança marítima. No entanto, muitas vezes os investimentos destinados à defesa nacional não são suficientes para atender todas as necessidades da Marinha, o que dificulta o combate aos crimes marítimos e reduz a capacidade de vigilância em determinadas áreas do oceano.

Outro ponto importante diz respeito à preservação ambiental. A poluição dos mares, os derramamentos de petróleo e os impactos das mudanças climáticas são grandes ameaças para a vida marinha e para a população que depende desses recursos naturais. Dessa maneira, a atuação da Marinha não se limita apenas à segurança militar, mas também contribui para pesquisas científicas, ações de preservação ambiental e fiscalização das atividades que são realizadas no mar. Assim,

proteger a Amazônia Azul significa também cuidar do futuro das próximas gerações.

Portanto, fica claro que a Amazônia Azul possui enorme importância para o Brasil e precisa ser protegida de maneira eficiente. Para isso, é necessário que o governo aumente os investimentos destinados à Marinha, fortalecendo a fiscalização e a segurança das águas brasileiras. Além disso, a sociedade precisa compreender melhor a importância do oceano para a economia, para o meio ambiente e para a soberania nacional. Somente com investimentos, conscientização e planejamento será possível garantir a proteção desse patrimônio tão valioso para o país.

Sarah Sophia dos Santos Cruz – 1º ano do ensino médio
Colégio Estadual Nicoláo Bastos Filho

A área marítima existente no Brasil conhecida como "Amazônia Azul" representa mais da metade do território brasileiro. Rica por conter petróleo, gás natural, biodiversidade Marinha, minerais e rotas comerciais internacionais, é responsável por movimentar grande parte da economia nacional. Para mais, a Amazônia Azul também possui extrema importância ambiental e científica; a região possui diversas espécies marinhas e um ecossistema fundamental para o equilíbrio ambiental.

A proteção desta grande área enfrenta inúmeros obstáculos, sendo o principal a enorme extensão marítima brasileira, que dificulta a supervisão das águas nacionais.

Como este, também se coloca diante de desafios como a falta de investimentos relacionados ao melhoramento de tecnologias e equipamentos militares, além das constantes ameaças ao meio ambiente Marinho.

A Amazônia Azul constitui um patrimônio indispensável para o desenvolvimento do Brasil. Logo, a Marinha possui uma fundamental função como guardião deste vasto oceano, enfrentando o grande desafio de zelar por um local tão estratégico.

Portanto, é necessário investir cada vez mais em tecnologia, defesa e conscientização, para que o país continue exercendo sua soberania sobre suas grandes riquezas marítimas e sendo eternamente conhecido pela imensidão de seus verdes mares que cruzam de Norte a Sul.

Gabriela Barboza Nogueira
Cívico Militar – Araruama/RJ
Turma 3002